



Max Heindel

CONFERÊNCIA II



ONDE ESTÃO OS MORTOS



THE ROSICRUCIAN FELLOWSHIP
Rosicrucian Fellowship , 2222 Mission Ave , Oceanside, CA 92058-2329
www.rosicrucian.com www.rosicrucianfellowship.org
(760) 757-6600 (voice), (760) 721-3806 (fax)

© 2013 The Rosicrucian Fellowship, All rights reserved

CONFERÊNCIA II

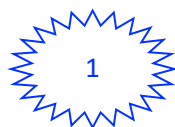
ONDE ESTÃO OS MORTOS

Um pouco de reflexão logo tornará evidente a qualquer pesquisador que vivemos num mundo de efeitos, os quais resultam de *causas invisíveis*. Podemos ver a MATÉRIA e a FORMA, mas a FORÇA que modela e anima a matéria é invisível para nós. A vida não pode ser conhecida diretamente através dos sentidos, pois é invisível e existe por si mesma, independentemente da variedade de formas que vemos como manifestações suas.

Eletricidade, magnetismo e vapor são nomes dados a forças que os olhos físicos nunca podem ver, embora, em conformidade com certas leis descobertas por experiências, possamos torná-las nossas mais valiosas servidoras. Vemos a sua manifestação nos movimentos dos elétricos, dos comboios, dos navios a vapor; elas iluminam os nossos caminhos à noite e levam as nossas mensagens ao redor do globo a uma velocidade que anula o espaço, trazendo os antípodas ao nosso alcance em questão de segundos. Elas estão às nossas ordens em todo e qualquer tempo, infatigáveis e fiéis na execução de inúmeras tarefas mesmo que, conforme foi dito, nunca tenhamos podido ver essas valiosas servidoras.

Essas forças da Natureza não são nem cegas nem destituídas de inteligência, como erradamente cremos. Há várias classes delas, e operam ao longo de diversas correntes de vida. Talvez uma ilustração esclareça melhor o seu estado em relação a nós.

Suponhamos que um carpinteiro esteja a construir uma cerca e um cachorro o observe. O cão vê ambos, o homem e o seu trabalho, apesar de não compreender perfeitamente o que ele faz. Se o carpinteiro fosse invisível, ao cão, este veria a cerca erguer-se lentamente, veria os pregos nela introduzindo-se, enfim, perceberia a manifestação e não a causa. Estaria, pois, em relação ao carpinteiro como nós estamos em relação às forças da Natureza que se manifestam ao nosso redor como a gravidade, a eletricidade e o magnetismo.



Durante os últimos séculos - particularmente nos últimos sessenta anos - a ciência deu gigantescos passos na investigação do mundo em que vivemos, e o resultado tem sido o de revelar, em todos os sentidos, um mundo até aqui invisível. Com telescópios de crescente poder, os astrónomos têm vindo a vasculhar o espaço e descobrindo mais e mais mundos. Com admirável engenho, têm acoplado câmaras aos telescópios, fotografando assim sóis a tão grandes distâncias que os seus raios nem sequer chegam a impressionar os nossos olhos, só podendo ser captados através da exposição da chapa fotográfica por várias horas.

Na direção do infinitesimal, a crescente perfeição do microscópio tem alcançado análogos resultados; um mundo até agora invisível para nós foi descoberto, o qual contém uma atividade extraordinária de VIDA, e que é marcado por uma diversidade de formas raramente menos complexas do que as do mundo que percebemos apenas através dos nossos sentidos.

O esforço de tais pesquisas através das lentes de um microscópio é muito grande, chegando a causar fadiga aos olhos, mas aqui também a câmara empresta o seu auxílio ao homem. Com os acessórios mecânicos apropriados e com rápidas projeções de luz, pode-se conseguir o registo permanente dos fenómenos microscópicos à razão aproximada de setenta negativos por segundo. Estes, podem ser então ampliados e projetados sobre telas como películas cinematográficas, para também serem vistos de modo simultâneo por centenas de pessoas confortavelmente instaladas.

Podemos assim ver como a seiva circula lentamente através dos veios de uma folha ou observar o percurso da corrente sanguínea através das semitransparentes veias das pernas de uma rã. Os vermes do queijo aparecem como enormes caranguejos cinzentos movendo-se de um lado para outro em busca de presas. Uma gota de água contém uma multidão de bolas coloridas, as quais crescem e explodem, lançando de si miríades de minúsculas esferas que, por sua vez, se expandem e lançam outras de si. O Dr. Bastian, de Londres, chegou a ver uma pequena mancha preta no dorso de um ciclope (e existem muitos numa gota de água) desenvolvendo-se até



alcançar as proporções de um parasita, o qual passava a alimentar-se do próprio ciclope.

Através do Raio-X, a ciência tem sido capaz de penetrar no mais recôndito do corpo denso do ser humano, fotografando a estrutura óssea ou quaisquer substâncias estranhas que nele possam ter-se alojado eventualmente.

Deste modo, um mundo até aqui invisível tem-se revelado aos olhos dos persistentes investigadores. Quem poderá dizer que se chegou ao fim? Que não existem outros mundos no espaço além destes agora fotografados pelos astrónomos? Que não existe vida em formas mais infinitesimais do que aquelas descobertas pelos melhores microscópios de hoje? Pode-se amanhã inventar um instrumento que tenha maior alcance que os atuais e que mostre muito do que hoje ainda permanece oculto. O infinito do espaço, do grande e do pequeno, parece estar além de qualquer dúvida e não depende do nosso conhecimento.

Considerando as maravilhosas conquistas da ciência física, existe uma característica particularmente digna de nota: cada nova descoberta tem-se efetuado através da invenção de um novo instrumento ou do aperfeiçoamento dos anteriores para ajudar os sentidos. Por essa razão, as pesquisas da ciência têm-se limitado ao mundo dos sentidos - ao denso mundo físico. Os cientistas lidam com os elementos químicos - sólidos, líquidos e gases - mas não alcançam o que se encontra além desses estados da matéria, simplesmente por não disporem de instrumentos capazes disso, ainda que forçados a admitir a existência de uma matéria ainda mais subtil a que chamam de "éter", sem a qual seria impossível explicarem a propagação da luz, da eletricidade, etc. Vemos, pois, que a ciência material reconhece indubitavelmente a existência de um mundo invisível como uma necessidade na economia da Natureza.

Ambas as ciências - a física e a oculta - concordam nesse ponto, e ambas buscam no mundo invisível a solução dos problemas. Diferem apenas quanto aos métodos de investigação e no crédito dado aos resultados assim

obtidos. A ciência material procura explicar os problemas insolúveis só em bases puramente físicas, tais como a propagação de ondas luminosas através do vácuo, ou a semelhança das flores da presente estação com as dos verões passados. Em tais casos, ela prontamente admite algo invisível e intangível como o éter ou a hereditariedade, e orgulha-se da sua perspicácia e do engenho das suas explicações.

A ciência oculta afirma que há uma causa invisível na raiz de TODO o fenômeno visível, a qual, quando conhecida, proporciona a compreensão dos fatos da vida mais completamente do que um simples conceito mecânico, e que essa compreensão é obtida por meio do estudo de ambos: o fenômeno, relativo ao visível, e o núnemo, ou causas subjacentes do mundo invisível. Ela portanto investiga os mundos invisíveis e oferece uma solução mais completa e razoável aos problemas da vida do que simples fatos científicos derivados apenas da observação dos fenômenos físicos.

A ciência material admite o éter e a hereditariedade como soluções dos problemas acima, mas é incapaz de oferecer uma prova real da verdade das suas hipóteses a não ser a sua aparente razoabilidade. Não obstante, quando a ciência oculta, utilizando os mesmos métodos, declara a existência do Espírito, a sua imortalidade, a sua pré-existência ao nascimento e continuação após a morte, a sua independência do corpo, etc., a ciência física escarnece e fala incoerentemente de superstição e ignorância. E requer provas, ainda que a evidência oferecida seja no mínimo tão satisfatória quanto a que é dada pelos cientistas sobre a existência do éter, da hereditariedade e de muitas outras ideias por eles sustentadas, implicitamente aceites pela multidão que, admirada, se curva ante qualquer sentença emanada da mágica palavra: Ciência.

Ninguém pode demonstrar a verdade de uma proposição geométrica a uma pessoa não familiarizada com os princípios matemáticos. Por análogas razões, os factos dos mundos internos não podem ser provados aos cientistas materialistas. Se a pessoa que ignora a matemática, estudando-a, ser-lhe-á fácil ter a solução do problema, quando o cientista físico se prepara para a

compreensão dos factos suprafísicos, ele terá a prova e ver-se-á compelido a defender as mesmas teorias que agora combate como superstição.

A ciência oculta começa as suas investigações no ponto em que a ciência material cessa de pesquisar: às portas dos reinos suprafísicos - indevidamente chamados sobrenaturais. Nada existe que seja “sobrenatural”, ou “inatural”; nada que possa estar fora da Natureza, mesmo sendo suprafísico, porque o Mundo Físico é a porção menor da Terra. Diferentemente do cientista materialista, porém, o cientista ocultista não realiza as suas pesquisas valendo-se de instrumentos mecânicos, mas sim através do autoaperfeiçoamento. Ele cultiva faculdades de percepção latentes em todo ser humano que podem ser despertadas mediante exercícios apropriados. As palavras de Cristo “buscai e achareis” referem-se particularmente a qualidades espirituais, e são endereçadas a “todos os que queiram”. Tudo depende do indivíduo. Não há ninguém para impedir, mas existem muitos dispostos a ajudar o aspirante sincero que busca o conhecimento. Discutir os meios e caminhos está, contudo, fora do presente tópico, e devem ser deixados para elucidação em futuros ensaios (números III e XI).

*“Mas” - dirá alguém - “por que nos preocuparmos com um mundo invisível?”
“Se fomos postos neste mundo material, o que temos a ver com esses mundos suprafísicos? E mesmo que seja verdade que iremos para lá após a morte, por que não nos ocuparmos de um mundo de cada vez? `Se basta a cada dia o seu mal’, por que então acrescentar-lhe mais preocupações?”*

Tal ponto de vista é, por certo, dos mais limitados. Em primeiro lugar, o conhecimento do estado post-mortem afastaria de nós o medo de morrer, que apavora tanta gente, mesmo as pessoas mais saudáveis. Mesmo na vida mais despreocupada há momentos em que o pensamento vai até aquele salto no escuro, o que deve algumas vezes perturbar-lhe a alegria de viver. Então, qualquer explicação que ofereça um definido e seguro conhecimento sobre tão importante assunto certamente deve ser muito bem recebida.

Além do mais, quando contemplamos o mundo em volta de nós, vemos que existe uma lei que deve ser evidente até para os mais indiferentes: a Lei de Consequência. A cada dia, o nosso trabalho e condições dependem daquilo que fizemos ou deixamos de fazer no dia anterior. É-nos absolutamente impossível desligar-nos do nosso passado e “iniciar outra vez”. Não podemos executar qualquer ação que não esteja de algum modo ligada aos nossos atos anteriores, limitados e cercados pelas nossas antigas condições. E, por certo, deve parecer razoável supor que, qualquer que possa ser o modo de expressão da Vida no mundo invisível, isso será de alguma forma determinado pela nossa atual maneira de viver. Igualmente lógico é afirmar que, se existe uma informação segura sobre esse mundo invisível, seria prudente interessarmo-nos por ela, do mesmo modo que quando desejamos viajar para um país estrangeiro, procuramos conhecer a sua geografia, leis, costumes, língua ou outras informações necessárias. Fazemos isto porque sabemos que quanto mais preparados estivermos, mais aproveitaremos a nossa viagem e menos aborrecimentos teremos pelas mudanças de condições. Logicamente, o mesmo deve ser dito em relação ao estado post-mortem.

Novamente alguém dirá: “Sim, mas aí é que está o problema! Quaisquer que sejam as condições após a morte, ninguém as conhece com certeza. Todos aqueles que têm afirmado conhecê-las diferem nas suas descrições, muitas das quais chegam a ser irrazoáveis, impossíveis”.

Em primeiro lugar, nenhum homem tem moralmente o direito de afirmar que ninguém sabe, a menos que seja onisciente e conheça a extensão do conhecimento de todos os que vivem. E é o cúmulo da arrogância tentar julgar a capacidade mental dos demais através da estreitíssima mentalidade que geralmente têm os pretensiosos que fazem tais afirmações. O sábio sempre tem os ouvidos abertos para novas evidências, que investigará com renovada ansiedade. E ainda que houvesse apenas um homem declarando conhecer os mundos invisíveis, isso não provaria necessariamente que ele estivesse errado. Não estava Galileu sozinho quando afirmou a sua teoria relativa aos movimentos dos corpos celestes, à qual todo o mundo ocidental aderiu mais tarde?

Quanto a diferirem os relatos daqueles que afirmam conhecer os mundos invisíveis, isto é tão normal quanto valioso, conforme a ilustração abaixo nos mostrará:

Suponhamos que a cidade de São Francisco tenha sido totalmente reconstruída em grande estilo, com os mais modernos aperfeiçoamentos, e se tenha decidido celebrar o acontecimento com um grande festival. Milhares de pessoas se amontoariam na ponte Golden Gate com o fim de se regozijarem pela nova Fénix renascida das cinzas da formosa cidade tão subitamente destruída pelo fogo. Entre elas, achar-se-iam provavelmente um número considerável de jornalistas, repórteres das mais diversas partes do país, com o propósito de enviarem notícias aos seus respectivos periódicos. A conclusão inevitável é que, embora os repórteres sejam observadores treinados, nem duas daquelas reportagens seriam iguais. Algumas conteriam os mesmos pontos de vista gerais. Algumas seriam diferentes das outras em cada pormenor. Tudo pela simples razão de que cada repórter teria observado a cidade do seu próprio e particular ponto de vista, e anotado apenas aquilo que lhe chamara a atenção. Assim, ao invés de serem as diversidades de informações um argumento contra a sua veracidade e exatidão, prontamente perceber-se-ia que cada uma tinha o seu valor como um diferente aspeto do todo, podendo-se afirmar que um homem que lesse todas as diferentes reportagens teria uma ideia mais completa sobre São Francisco do que se tivesse lido apenas uma reportagem assinada pela totalidade dos repórteres.

O mesmo princípio pode ser aplicado aos diferentes relatos sobre os mundos invisíveis. Eles não são propriamente não verídicos por diferirem, mas formam em conjunto uma descrição mais completa.

Quanto aos relatos “impossíveis”, suponhamos que um dos nossos repórteres de São Francisco, ao invés de observar a cidade, tivesse gasto o seu tempo divertindo-se, enviando depois ao seu jornal uma reportagem imaginária. Certamente que tal reportagem não iria invalidar as autênticas. Ou suponhamos que um deles estivesse usando um par de óculos amarelos sem

disso se aperceber e enviasse ao jornal uma reportagem informando que em São Francisco as casas e ruas eram todas douradas. Isso por certo apenas mostraria a sua ignorância quanto ao facto de que eram os óculos e não a cidade que tinham aquela cor, não devendo, portanto, o seu relatório prejudicar a veracidade dos demais. Finalmente, recordemos que, ainda que algumas coisas estejam presentemente além do nosso poder de raciocínio, isto não prova que as mesmas sejam irrazoáveis. O facto de que uma criança não possa entender a raiz quadrada não constitui argumento válido contra a matemática. Resumindo, os materialistas não podem apresentar nenhum argumento razoável como prova da não existência dos mundos invisíveis, da mesma forma que um cego de nascença não pode argumentar seriamente contra a existência da luz e das cores no mundo ao seu redor. Se este recuperar a visão, poderá vê-las. Por conseguinte, nenhum argumento dos que são cegos para o mundo invisível pode convencer o clarividente da não existência daquilo que ele vê. Se o sentido apropriado é despertado em tais pessoas, elas também poderão perceber um mundo para o qual tinham sido insensíveis até ali, ainda que tal mundo já existisse à sua volta, da mesma forma que a luz e a cor interpenetram todo o mundo dos sentidos quer sejam percebidos ou não.

Passando deste testemunho da existência dos reinos suprafísicos a uma evidência mais positiva, um exemplo tomado do quotidiano mostrar-nos-á como na Natureza a matéria muda constantemente de estados mais densos para estados mais subtis.

Se tomamos um bloco de gelo, temos um “sólido”. Aplicando calor a esse bloco, elevamos as vibrações dos átomos que o constituem e transforma-se num “líquido” - a “água”. Se aquecemos a água ainda mais, se aumentamos a tal grau as vibrações dos seus átomos, ela alcança um ponto que se torna invisível aos nossos olhos: transformar-se-á num “gás” que chamamos “vapor”. Assim, a mesma matéria que era visível na forma de gelo e na forma de água sai da nossa visão, mas não deixa de existir. Se a arrefecermos outra vez, a mesma condensa-se, voltando ao estado líquido e, prosseguindo o arrefecimento, ela poderá alcançar de novo o estado sólido, como gelo.

Ainda que a matéria possa ultrapassar o alcance da nossa percepção, ela continua existindo. O mesmo se passa com a consciência: continua existindo mesmo que não dê nenhum sinal de existência. Isto tem sido provado nos casos em que pessoas aparentemente mortas - coração e órgãos respiratórios sem o menor sinal de alento - no momento de serem sepultadas, voltaram à vida. Tais pessoas puderam então repetir cada palavra e descrever todos os atos daqueles que as rodeavam enquanto se achavam inconscientes.

Portanto, perguntamos: sabendo-se que a matéria - que é indestrutível - pode existir em estados invisíveis e intangíveis, e que a consciência permanece alerta e até mesmo mais desperta no estado de transe do que no estado de vigília, não é razoável supor-se que essa consciência possa modelar a matéria invisível para nós, e nela funcionar quando desencarnada - do mesmo modo que modela a matéria deste mundo durante a vida terrena - produzindo assim um outro mundo de forma e consciência tão real para o espírito desencarnado como este mundo o é para os sentidos físicos?

Mesmo durante a vida no corpo denso, lidamos com o mundo invisível a cada momento da nossa existência, e a vida que nele vivemos é a mais importante para o nosso ser - é a base de nossa vida no mundo físico.

Todos temos uma vida interna, a qual vivemos envoltos nos nossos pensamentos e sentimentos, em meio e sob condições desconhecidas ao nosso ambiente externo. Ali, a mente converte as nossas ideias em pensamentos-forma, que a seguir expressamos. Tudo o que vemos à volta de nós, que impressiona os nossos sentidos e que denominamos real, nada mais é senão a evanescente sombra do mundo intangível e invisível. O mundo visível é a cristalização dos mundos invisíveis, da mesma forma que a dura e pétreo concha do caracol é a cristalização da seiva do seu corpo flácido. Além disso, assim como a concha do caracol é inerte e permaneceria imóvel se o caracol não a movimentasse, igualmente os corpos vegetais, animais e humanos, sendo apenas emanções inertes do espírito invisível, seriam também incapazes de se mover não fosse a galvanização da forma pela vida latente que neles existe. Esses corpos são conservados apenas enquanto

servem aos propósitos do espírito. Quando este os abandona, já não há nada que possa manter a forma agregada, portanto ela decompõe-se.

Assim sendo, tudo o que vemos à volta de nós - casas, automóveis, navios, telefones, resumindo, tudo o que foi feito pela mão do homem - é IMAGINAÇÃO cristalizada, a qual se originou no mundo invisível. Se Graham Bell não tivesse sido capaz de imaginar o telefone, este jamais teria chegado a existir. Foi a “vida interna” de Fulton quem concebeu e trouxe à luz o primeiro barco a vapor, muito antes dele se concretizar no visível “Clermont”.

Quanto à realidade e continuidade das coisas no mundo invisível, isto chega a ultrapassar as condições visíveis do mundo físico que julgamos erradamente ser o máximo de “realidade”. Costumamos considerar as nossas imagens mentais e idealizações ainda menos reais do que uma miragem, a elas nos referindo superficialmente como “simples pensamentos” ou “apenas uma ideia”, quando, na verdade, elas são as realidades básicas de tudo o que vemos neste mundo.

Quando um arquiteto deseja construir uma casa, não requer de início que sejam logo levados ao local da construção as madeiras e outros materiais, nem contrata trabalhadores e lhes ordena para começarem imediatamente a erguer a habitação ! Em vez disso, ele primeiro formula a ideia, medita sobre ela, constrói a casa “na sua mente” com o máximo de detalhes possíveis e, através este modelo mental, a casa poderia ser edificada se pudesse ser vista pelos trabalhadores. Mas o modelo ainda está no mundo invisível. E ainda que o arquiteto a perceba claramente, “o véu da carne” impede que outros possam vê-la. Assim, torna-se necessário trazê-la ao mundo dos sentidos através de um esboço ou planta visível que orienta os trabalhadores. Esta é, pois, a primeira cristalização da imagem mental do arquiteto, e quando finalmente a casa é construída, podemos ver nas madeiras e pedras aquilo que primeiro foi uma ideia na sua mente, embora invisível para nós.

Quanto à relativa estabilidade da ideia e da casa construída - uma em relação à outra - é claro que a segunda pode ser destruída por dinamite ou por outro processo, mas a ideia na mente do arquiteto nem ele próprio é capaz de a

destruir, podendo assim utilizá-la novamente para construir outra idêntica àquela em qualquer tempo e enquanto viva. Mesmo depois da morte deste, a ideia pode ainda ser encontrada na Memória da Natureza por quem quer que esteja habilitado a tanto, pois não importa há quanto tempo tenha sido ali impressa, pois a ideia jamais se perde ou é destruída. Voltaremos a falar desta Memória no próximo Capítulo.

Se bem que possamos deste modo, por “inferência”, concluir sobre a existência de um mundo invisível, este não é o único meio de o provar. Existe uma abundância de testemunhos diretos provando que tal mundo é real. São testemunhos de homens e mulheres de indiscutível integridade, cuja veracidade e exatidão jamais foram postas em dúvida em qualquer outra área, os quais atestam que esse mundo invisível é habitado por aqueles a quem chamamos mortos, que ali vivem na posse plena das suas faculdades mentais e emocionais e vivendo sob condições tais que as suas vidas se tornam tão verdadeiras e proveitosas quanto as nossas, talvez até mais. É possível demonstrar que pelo menos alguns deles alimentam considerável interesse pelos assuntos do mundo físico. Bastam para isso dois exemplos dos mais conhecidos no mundo inteiro.

Primeiramente, o testemunho de Joana D’Arc, a “Donzela de Orleães”, que ouvia “vozes que lhe falavam e guiavam”. Consideremos a sua história e vejamos se essa vida estampou ou não a verdade.

Moça pura, simples e sem sofisticação, pouco mais que uma criança, nunca antes saíra ela da sua cidadezinha natal até empreender a sua “missão”. Era extremamente tímida, receosa de desobedecer ao seu pai. Contudo, as “vozes” imperiosas levaram-na à inusitada audácia de o contrariar e sair em busca do rei da França. Após muitas dificuldades - mas constantemente guiada pelas vozes - foi-lhe finalmente assegurada uma audiência com o rei. Quando ela entrou, o rei encontrava-se numa roda de cortesãos e, sentado no trono, via-se apenas um vulto disfarçado, um boneco. Todos esperavam vê-la confundida, pois ela jamais havia visto o rei. Contudo, guiada pelas fiéis vozes, Joana D’Arc caminhou resolutamente até ele e saudou-o. Então, conseguiu convencê-lo da autenticidade da sua missão,

sussurrando-lhe ao ouvido um segredo por demais íntimo que só a ele pertencia e que só ele conhecia.

Como resultado dessa prova, o comando do exército francês foi tirado das mãos de experientes generais que haviam sido derrotados pelos ingleses em todas as batalhas, e entregue a essa criança que nada sabia de estratégia militar. E ela, ainda que orientada pelos seus invisíveis guias, conduziu as tropas francesas à vitória. O seu conhecimento de tática militar era motivo de constante admiração dos seus companheiros, mas por si só foram a prova da orientação que ela afirmava receber.

Depois, foi presa e sujeita a anos de sofrimentos, torturas e ameaças da parte de seus cruéis perseguidores, visando fazê-la confessar que não ouvia vozes. Porém, os arquivos em que estão registados os seus numerosos julgamentos mostram nas suas respostas uma tal singeleza de mente, uma tal inocência e honestidade, de facto inigualáveis nos anais da história, ao ponto de confundir seus juízes em cada um desses julgamentos. Nem a morte na fogueira pôde fazê-la abjurar a verdade que conhecia. E até hoje o seu testemunho sobre as vozes orientadoras do mundo invisível permanece inabalável, selado com o seu sangue. Esta mártir da verdade foi recentemente canonizada pela mesma igreja que a condenou à morte.

“Oh! Sim” - poderia alguém ponderar - “mas ainda que não parem dúvidas sobre a sua honestidade, ela não era mais que uma simples camponesa, inconsciente, portanto, a qual sofria alucinações!” Estranhas alucinações aquelas que a capacitaram a distinguir sem hesitação o rei que nunca vira antes; a sussurrar-lhe um segredo só dele conhecido; e a descrever em minúcias as batalhas que estavam sendo travadas a muitas milhas de distância, conforme corroborado mais tarde pelos que delas haviam participado.

Mas passemos ao segundo testemunho, que de nenhum modo se relaciona com uma “mente simples”. A esse respeito, Sócrates foi a perfeita antítese de Joana D’Arc, porque foi a mais penetrante inteligência, a maior mentalidade que já conhecemos, inexcelsível até os dias de hoje. Este também selou com o seu sangue, o seu testemunho sobre uma voz-guia do mundo invisível. E

podemos considerar evidente por si mesmo o facto de que essa voz devia ter sido extraordinariamente inteligente, caso contrário não teria sido capaz de aconselhar tão grande sábio quanto Sócrates.

Afirmar que ele era louco ou sofria de alucinações seria totalmente impróprio, porque um homem como Sócrates, que abordava todos os demais assuntos com tanto equilíbrio, está acima de qualquer suspeita nesse particular. De forma que o mais razoável é reconhecermos que “existem muito mais coisas nos céus e na terra” que individual ou coletivamente desconhecemos, e então passarmos a investigá-las.

Com efeito, isto é justamente o que a maior parte das pessoas avançadas estão fazendo nos nossos dias, convencidas de que é tão tolo ser-se demasiado cético para investigar, quanto ser-se demasiado crédulo para tomar como artigo de fé tudo quanto se ouve. Somente informando-nos de modo apropriado, é possível chegarmos a uma conclusão digna da nossa condição humana, não importa o caminho pelo qual nos decidimos.

Reconhecendo esse princípio e a grande importância do assunto, fundou-se há mais de um quarto de século a “Society for Psychical Research” (Sociedade de Investigações Psíquicas), a qual conta entre os seus membros, as mais brilhantes inteligências do nosso tempo. Elas não pouparam esforços para separar a verdade do erro em milhares de casos que lhe foram apresentados, e, como resultado, o presidente da Sociedade - Sir Oliver Lodge - , um dos mais proeminentes cientistas da nossa época, declarou ao mundo, há alguns anos atrás, que “a existência de um mundo invisível, habitado pelos que chamamos mortos e que têm o poder de se comunicar com este mundo, foi estabelecida acima de qualquer equívoco em tão grande número de casos que não deixa margem a qualquer dúvida”.

Vindo essa afirmação de um dos maiores cientistas modernos, de alguém que aplicou nos seus estudos psíquicos uma mente burilada pela ciência, e que se mantinha sempre muito bem prevenido contra qualquer engano ou farsa, o testemunho acima deve merecer o mais profundo respeito de todos aqueles que buscam a verdade.

Tendo examinado indutiva, dedutiva e diretamente as evidências, podemos acrescentar que a existência de outro mundo, intangível para os cinco sentidos, mas facilmente investigável através do “sexto sentido”, é - reconhecemos ou não - um facto, uma realidade natural, do mesmo modo que é real a existência da luz e da cor tanto em volta do “cego” quanto ao redor “daquele que vê”. É a cegueira que impede o homem de ver a luz e a cor em torno de si. De maneira idêntica, é a nossa “cegueira” que nos impede de perceber os reinos suprafísicos. Mas, para todo aquele que se der ao trabalho de despertar as suas faculdades latentes, o desenvolvimento do sentido apropriado à dita percepção não é senão uma questão de tempo, podendo ele então ver que os chamados “mortos” se encontram todos ao seu redor, e que de facto “a morte não existe”, conforme disse John Mc Creery no seu formoso poema:

A morte não existe. As estrelas descem e em outras plagas irão se levantar, radiantes, adornando a coroa celeste, para sempre irão brilhar.

A morte não existe. As folhas da floresta, o ar invisível em vida transformam; as rochas se desintegram para alimentar o musgo faminto que nelas se agarram.

A morte não existe. O pó que pisamos irá transformar-se, pelas chuvas de verão, em flores com as cores do arco-íris, em frutos saborosos ou em dourado grão.

A morte não existe. As folhas podem cair, as flores podem murchar e sumir, esperam apenas nas horas hibernais pelo alento quente da Primavera que há de vir.

*A morte não existe, embora lamentemos
quando as belas formas familiares
que aprendemos a amar são arrancadas de
nossos amorosos braços tutelares.*

*Embora com roupas de luto e em silencioso
passo, com o coração partido e tão contritos,
levemos seus restos para o descanso dizendo
que eles estão mortos.*

*Eles não estão mortos. Passaram apenas para
além das névoas que aqui nos cegam, para
que em esferas mais serenas
uma nova e maior vida tenham.*

*Apenas se despojaram de seus mantos de
barro e vestiram trajes mais brilhantes;
não foram para longe, nem nos deixaram, não
estão “perdidos” ou “distantes”.*

*Embora invisíveis aos olhos mortais, ainda
estão aqui e continuam amando
os entes queridos que para trás deixaram,
jamais os olvidando.*

*Por vezes, sobre nossa fronte febril, sentimos
um afago, um balsâmico alento; nosso espírito
os vê e nossos corações
sentem-se confortados e calmos, no momento.*

*Sim, sempre perto de nós, embora invisíveis,
esses queridos e imortais espíritos caminham
forte pois tudo, neste Universo infinito de
Deus, é vida - NÃO EXISTE A MORTE.*

A FRATERNIDADE ROSACRUZ

1. A FRATERNIDADE ROSACRUZ E A SUA MISSÃO

A Fraternidade Rosacruz Max Heindel não é uma seita ou organização religiosa, mas sim uma grande Escola de Pensamento. A sua finalidade principal é divulgar a admirável filosofia dos Rosacruzes, tal como ela foi transmitida ao mundo por Max Heindel, escolhido para esse fim pelos Irmãos Maiores da Ordem Espiritual.

Os seus ensinamentos projetam luz sobre o lado científico e o aspeto espiritual dos problemas relacionados com a origem e evolução do homem e do Universo. Tais ensinamentos, contudo, não constituem um fim em si mesmo, mas um meio para o ser humano se tornar melhor em todos os sentidos, desenvolvendo assim o sentimento de altruísmo e do dever, para o estabelecimento da Fraternidade Universal.

O fim a que se destina a Filosofia Rosacruz é o de despertar a humanidade para o conhecimento das Leis Divinas, que conduzem toda a evolução do homem, e, ainda:

- (I) Explicar as fontes ocultas da vida. O homem, conhecendo as forças que trabalham dentro de si mesmo, pode fazer melhor uso das suas qualidades;
- (II) Ensinar o objetivo da evolução, habilitando o homem para trabalhar em harmonia com o Plano Divino e desenvolver as suas próprias capacidades, ainda desconhecidas para a grande parte da humanidade;
- (III) Mostrar as razões pelas quais o Serviço amoroso e desinteressado ao próximo é o caminho mais curto e mais seguro para a expansão da consciência espiritual.

O Movimento Rosacruz, mundialmente iniciado pelo engenheiro Max Heindel, é fundamentalmente uma Escola de reforma interna para a humanidade, uma Escola de desenvolvimento e expansão da consciência, tratando da nossa origem espiritual e da finalidade da nossa evolução.

Foram publicados livros e organizados cursos por correspondência para os aspirantes que desejam estudar as verdades espirituais, mas como auxílio e não como fim em si mesmo, pois o estudo, em si só, não basta. A teoria precisa da experiência, obtida mediante a prática, para ser desenvolvida em sabedoria e poder. E, precisamente, a Fraternidade Rosacruz destina-se a prestar a orientação necessária aos aspirantes, para se chegar à aplicação da Lei Espiritual na solução dos problemas individuais e coletivos.

"O que uma geração considera como o máximo de saber, é frequentemente considerado como absurdo em gerações seguintes; e o que, num século, é considerado como superstição ou ilusão, pode formar a base da ciência nos séculos vindouros."

(Paracelso)

"Ao discípulo da antiga sabedoria é ensinado a perceber que o homem não é essencialmente uma personalidade, mas um espírito."

(Manly P.Hall)

2. OS NOSSOS PRINCÍPIOS

Os princípios que nos inspiram são os que Max Heindel, fundador de The Rosicrucian Fellowship, definiu em consonância com as instruções recebidas dos Irmãos Maiores, e que, basicamente, se resumem em divulgar os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental, e em auxiliar todos os que sofrem.

3. A NOSSA ATIVIDADE

O Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux (Amadora) desenvolve atividades e serviços nas vertentes devocional, formative e de divulgação.

Devocional

Aos Domingos, quinzenalmente celebra-se o Serviço Devocional (Templo) pelas 10:30 horas, seguida de uma sessão de Grupo de Estudos para alunos da Filosofia Rosacruz.

Quando o Sol entra em um signo cardinal celebram-se os Serviços equinociais e solsticiais, que marcam a entrada das estações do ano.

A Páscoa Cristã e o Natal, também são celebrados segundo a tradição rosacruz.

Formativa

- Disponibilizam-se cursos de Filosofia Rosacruz (Preliminar e Suplementar), Interpretação da Bíblia à Luz da Filosofia Rosacruz e Astrologia (Elementar, Superior e Suplementar) por correspondência postal ou e-mail.
- Efetuam-se nas primeiras segundas-feiras de cada mês as leituras rosacruz pelas 09:15 horas, atividade aberta a alunos e simpatizantes.
- Mensalmente em data anunciada é efetuada uma atividade de serviço público (workshop, conferência).

Divulgação

- Bimestralmente é publicada a revista Fiat Lux do Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux versando temas da filosofia Rosacruz, de Astrologia, Veganismo e poesia entre outros.
- Mantém um site na Internet para divulgação das principais obras da Fraternidade Rosacruz Max heindel, e para apoio ao estudante, numa área reservada. Os temas do misticismo e ocultismo cristão, são tratados dentro da Tradição Espiritual do Ocidente.

4. CONDIÇÕES DE ACESSO

A filiação está aberta para todas as pessoas que aspiram percorrer este caminho cristão espiritualista, que é a Associação Internacional Rosacruz de Cristãos Místicos. Desejando-a, poderá solicitá-la por carta ou e-mail, expressando as razões pelas quais se inclina pela Filosofia Rosacruz, e enviando-nos nome completo, endereço, data de nascimento, estado civil e ocupação. Os pedidos de filiação deverão ser dirigidos ao Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux; Rua Conde Castro Guimarães nº13, 3º Esq; 2720-113 Amadora; Portugal; mail: rosacruzfiatlux@gmail.com; Telem: +351 913 072 400

Os conhecimentos e as faculdades espirituais apenas serão utilizados legitimamente quando postas ao serviço amoroso e desinteressado do próximo.

A Fraternidade Rosacruz desaprova qualquer comercialização de forças ou conhecimentos espirituais, bem como o seu desenvolvimento negativo, tão prejudicial a quem é alvo de sua prática como a quem lhe serve de veículo. Desta forma, astrólogos e quiromantes profissionais, e ainda médiuns e hipnotizadores praticantes terão seu pedido de inscrição negado até abandonarem, de imediato, tais práticas.

5. OS RECURSOS

Por vontade do seu fundador, o ingresso na Fraternidade Rosacruz, em nenhum caso, está condicionado a obrigações monetárias, não havendo taxas ou mensalidades obrigatórias. Todos os gastos da Fraternidade são cobertos por contribuições e donativos, voluntários, de estudantes e simpatizantes que desejem colaborar com o reembolso de despesas feitas com a produção do material de divulgação e envio, via postal dos cursos por correspondência e solidarizar-se com a Obra Rosacruz.

CONFERÊNCIAS

I - O enigma da vida e da morte

II - Onde estão os mortos



Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux
Rua Conde Castro Guimarães nº13, 3º Esq
2720-113 Amadora, Portugal
mail: rosacruzfiatlux@gmail.com
tlm: +351 913 072 400
